

AVENTURAS ETNOGRÁFICAS ENTRE OS INDÍGENAS CANOEIROS: A TRAJETÓRIA DA LINGUISTA ADAIR PIMENTEL PALÁCIO COM OS ARGONAUTAS GUATÓ NO CORAÇÃO DO PANTANAL SUL-MATO-GROSSENSE

ETHNOGRAPHIC ADVENTURES AMONG CANOE INDIGENOUS: THE PATH OF LINGUIST ADAIR PIMENTEL PALÁCIO WITH ARGONAUTAS GUATÓ IN THE HEART OF PANTANAL SOUTH-MATO-GROSSENSE

Rosalvo Ivarra Ortiz¹

Resumo

Iniciamos esta discussão com os dizeres do linguista brasileiro Aryon Dall'Igna Rodrigues (2005, p. 36): “A redução de 1200 para 180 línguas indígenas nos últimos 500 anos foi o efeito de um processo colonizador extremamente violento e continuado, o qual ainda perdura, não tendo sido interrompido nem com a independência política do país no início do século XIX, nem com a instauração do regime republicano no final desse mesmo século, nem ainda com a promulgação da ‘Constituição Cidadã’ de 1988”. Dito isso, Adair Pimentel Palácio foi a primeira pesquisadora brasileira da área da Linguística Indígena a defender uma tese de doutoramento, o pioneirismo ocorreu no ano de 1984 na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), justamente sob a orientação do professor Aryon. Dito isso, nosso objetivo neste artigo a priori é analisar a tese da autora: “Guató, a língua dos índios canoeiros do rio Paraguai”, assim sendo, sua investigação centralizou-se sobre a cultura canoeira Guató de Corumbá, localizado no Estado de Mato Grosso do Sul (região Centro-Oeste do país) — conhecida do ponto de vista da história, arqueologia e antropologia como verdadeiros “argonautas do Pantanal” (cultura indígena com sério risco de extinção). Mediante isso, a ideia original da autora ainda nos anos de 1970, era debruçar-se sobre uma língua étnica até então não estudada (à época existiam por volta de 40 línguas nesse sentido). Dado o exposto, a linguística etnográfica impulsionada por Palácio focou, sobretudo, na gramática, morfologia, fonologia e sintaxe da referida cultura ameríndia. Portanto, o resultado comprovou que a língua Guató é extremamente complexa, performática e desuniforme a operar de forma transitiva e intransitiva (transfigura em forma tônica baixa e alta). Portanto, corroborar-se-á que essa pesquisa não teve a pretensão de analisar e exaurir os conceitos de natureza linguístico-antropológica descrita pela autora, mas, sim, registrar as suas angústias, inquietações e reflexões histórico-etnográficas acerca da cultura fluvial Guató no bosque pantaneiro.

Palavras-Chave: Língua, Indígena Guató, Etnografia, Complexidade, Adair Palácio.

¹ É Mestrando Indígena Guarani e Kaiowá de Mato Grosso do Sul vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia (PPGARq) do Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE), Universidade de São Paulo USP). É Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível (CAPES). E-mail: <ivarraortiz1990@usp.br>

Abstract

We started this discussion with the words of the greatest Brazilian linguist Aryon Dall'Igna Rodrigues (2005, p. 36): “The reduction from 1200 to 180 indigenous languages in the last 500 years was the effect of an extremely violent and continuous colonizing process, which it still persists, having been interrupted neither with the country's political independence at the beginning of the 19th century, nor with the establishment of the republican regime at the end of the same century, nor even with the promulgation of the “Citizen Constitution” of 1988. That said, Adair Pimentel Palácio was the first Brazilian researcher in the field of Indigenous Linguistics to defend a doctoral thesis, the pioneering took place in 1984 at the State University of Campinas (UNICAMP), precisely under the guidance of Professor Aryon. That said, our objective in this article a priori is to analyse the author's thesis: “Guató, the language of the Canoe Indians of the Paraguay River”, therefore, her investigation focused on the Guató de Corumbá canoe culture, located in the State of Mato Grosso do Sul (Midwest region of the country) - known from the point of view of history, archaeology and anthropology as being Argonauts of the Pantanal (indigenous population with serious risk of extinction). In this way, the author's original idea, still in the 1970s, was to focus on an ethnic language hitherto not studied (at that time there were around 40 languages in that sense). Given the above, the ethnographic linguistics driven by Palácio focused, above all, on the grammar, morphology, phonology, and syntax of the referred Amerindian culture. Therefore, the result proved that the Guató language is extremely complex, dynamic, and heterogeneous, operating in a transitive and intransitive way (it operates in low and high tonic form). Finally, it is worth corroborating that this study did not intend to analyse or exhaust the exclusively linguistic-anthropological concepts described by the author, but rather to register her anxieties, concerns and historical-ethnographic reflections about the Guató river culture in the Pantanal forest.

Key words: Language, Guató Indigenous, Ethnography, Complexity, Adair Palácio.

1 À guisa da Introdução: trilhando um itinerário etnográfico-linguístico-nativa

A autora iniciou sua tese de doutoramento, a dizer que sua inspiração floresceu pela primeira vez no ano de 1967, principalmente, posterior à leitura do texto do célebre linguista paranaense Aryon Dall'Igna Rodrigues (grande referência no assunto, considerado por muitos o maior linguista brasileiro da história), cujo título é “Tarefas do Linguista no Brasil” (1966). E conforme isso, corroborou que trabalhar com língua indígena na ocasião não era uma abordagem e/ou problemática totalmente nova, a dizer que já tivera experiência como docente da Língua Inglesa e Língua Portuguesa para estrangeiros, oriunda de interesse pela Linguística Teórica e Aplicada e por diversos fatores deixou de seguir seus estudos acadêmicos, que emergiu somente no limiar da década de 1970 através do Programa de Pós-Graduação do Instituto de Estudos da Linguagem na Universidade Estadual de Campinas (IEL/UNICAMP), instituição de ensino localizado na cidade homônima.

A partir disso, Adair P. Palácio sintetiza que documentar dados ou fontes indígenas no que concerne à linguagem não era uma tarefa desconhecida, no qual indaga, que apesar disso,

não era uma missão fácil de desenvolver, isto é, tornando-se sempre desafiadora, independentemente do contexto em que se insere o campo. Nesse viés, postular-se-á que era fundamental realizar uma investigação com populações indígenas que ainda não tinham sido estudadas ou contactadas do ponto de vista da Linguística científica, pois, fazia-se necessária uma pesquisa dessa natureza — é com intuito de aos menos deixar registrados elementos linguísticos fundamentais. Em vista disto, é importante contextualizar que muitas línguas indígenas desapareceram, haja vista, a falta de interesse por parte da academia e sociedade de modo mais amplo, mas não somente, sobretudo, pela negligência do poder público municipal, estadual e federal. Exemplo por excelência disso é a conduta do atual governo federal, onde se destacam o sucateamento da educação pública (redução drástica de bolsas de Mestrado, Doutorado e Pós-Doutorado); sem falar do corte orçamentário da ciência e tecnologia; ataques aos judiciários; desmontes de instituições como a Fundação Nacional do Índio (FUNAI), negacionismo científico; radicalismo religioso; dentre muitos outros.

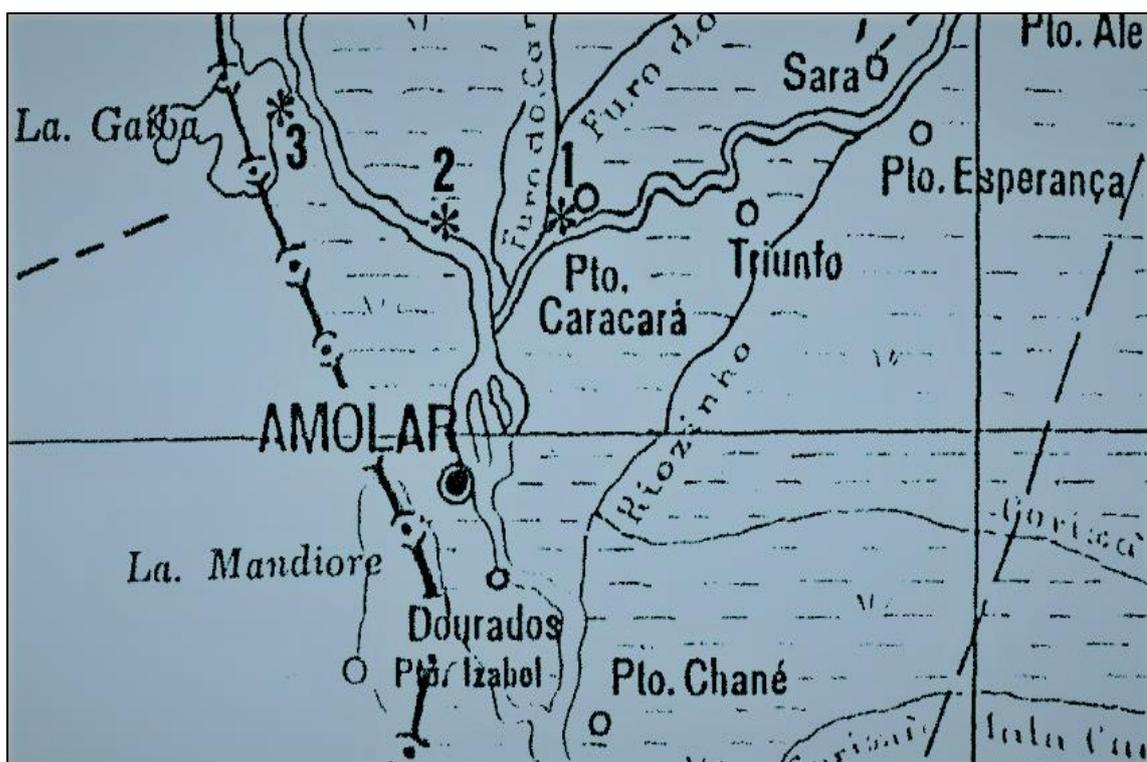


FIGURA 1. Parte do mapa utilizado pela pesquisadora Adair Palácio. Fonte: Palácio (1984, p. 150 [modificado]).

Mas retornando à problemática proposta, nossa autora enfatiza que sua pesquisa, inicialmente, foi possível graças a uma colega do Departamento que lhe apresentou uma freira (missionária) da Congregação Salesiana em Mato Grosso (a partir de 1979 Mato Grosso do Sul). Diante disso, a entusiasmada Adair postulou (1984, p. 8), “esta freira indicou-me o nome de Irmã Ada Gambarotto, naquela ocasião servindo em um colégio em Corumbá, onde entrara em contato com vários grupos indígenas”. Todavia, mediante as informações ou dados preliminares coletados da referida missionária, Palácio logo precisou descartar várias hipóteses, mas diante dos fatos, constatou que no local almejado existiam alguns indígenas pertencentes à cultura Guató (já naquela época apontado como grupo em extinção).

Em decorrência disso, a pesquisadora-aventureira ponderou que o fato de a freira Ada Gambarotto ter subsídio sobre os Guató, a intrigou de imediato, e posteriormente fez uma ligação e logo constatou que em Corumbá (MS) havia indígenas dessa cultura étnica, e, principalmente, ainda dominavam a língua original ou tradicional. Tendo essas fontes em mente, Palácio sem hesitar como ela mesma disse, resolveu partir para a região do Alto Paraguai na aurora do mês setembro do ano de 1977. Outrossim, a linguista e agora etnógrafa expedicionária teceu que “na mesma tarde da minha chegada aquela cidade, Ir. Ada apresentou-me a Josefina que me ensinou a palavra *mabo pé*, fumo e juriti, 'que são diferentes no jeito de dizer'.” (PALÁCIO, 1984, p. 9).

Em virtude disso, Palácio clarifica que seu trabalho tinha por finalidade descrever os instrumentos linguísticos mais importantes do povo Guató. Desse modo, postulou que não poderia desprender ou dissociar a língua falada de uma dada população e, certamente com os Guató não seria dicotômica ou paradoxal. Partindo dessa logicidade, resolveu dividir seus estudos em duas partes fundamentais: 1) Realizar uma descrição histórica da etnia homônima, e realizar uma atualização a época, como testemunha viva da realidade. 2) Desenvolver uma teoria bibliográfica, a partir dos dados existentes e a vincular com novos dados ou ferramentas, portanto, o projeto era extremamente audacioso — processos analíticos, esquema gramatical, descrição linguística, amostragens, verbete acerca do vocabulário e localização histórico-geográfica.

Por todos esses fatores, a autora acentua que seu aporte teórico-metodológico era o Estruturalismo, assim sendo, estava a angariar uma “abordagem distribucional” dos Argonautas Guató. Seguindo nesta perspectiva, e a relatar sua angústia, estabelece que “por minha vivência profissional foi muitas vezes difícil, diante dos dados, assumir uma postura isenta da influência

de uma formação eclética” (PALÁCIO, 1984, p. 9-10). E finalizou nesta parte a dizer, que “Tentei não deixar que o longo convívio com conceitos concebidos por várias correntes lingüísticas influenciasse nas decisões que tomei quando da interpretação deste ou daquele aspecto da língua (PALÁCIO, 1984, p. 10).

Portanto, a linguista deixa em evidência que apesar de ser extremamente instigante, analisar ou interpretar uma língua, sobretudo, de cunho étnico, é uma atividade árdua pela “sua própria essência (*sui generis*)”, haja vista, a complexidade envolta. Dado o exposto, a autora procurou não constituir seu trabalho em uma prática hermética ou enigmática, ou seja, fugir do objetivo e transformar-se em empirismo hipotético-imagético. A levar em consideração tais aspectos, a autora focaliza-se na documentação, seguida de apresentação formativa, que no entender da mesma está em constante transformação científica ou epistemológica — assim, a pesquisadora tinha noção absoluta que os dados adquiridos em campo poderiam ressignificar - se, mas acreditamos que nenhum/a outro/a pesquisador/a conseguiu realizar um trabalho tão original com a língua Guató, isso se confirma pela pesquisa posterior que sempre a utilizou como base.

2 A cultura indígena Guató: os navegantes dos pantanais

De acordo com Palácio (1984), a terminologia Guató surgiu pela primeira vez nos Comentários (1555) do conquistador espanhol Álvaro Núñez Cabeza de Vaca (nascimento Jerez de la Frontera, 1488/1492 — falecimento, Sevilla, 1558/1560). A partir daí, foi mencionado por diversas vezes sem interrupção, fato esse, que durou até 1938, como observou Frederico Rondon (1938), a posteriori a esse ano, o estudo sobre esta língua foi totalmente abandonado, sobretudo, por pensar que ela estava extinta do Brasil.

Por este ângulo, até aquele momento, segundo a autora, informações resumidas sobre os Guató poderiam ser encontradas nos trabalhos pioneiros do naturalista Francis de Laporte de Castelnau (1851), do inventor Antoine Hercule Romuald Florence (1875) e inúmeras etnografias de Max Schmidt (1905, 1912, 1914, 1922, 1929, 1942b, 1974). Com base nesse argumento, a autora tece os seguintes dizeres sobre a geografia Guató:

Identificados como índios canoieiros, eles foram localizados nas margens do Rio Paraguai, Estado de Mato Grosso, na fronteira do Brasil com a Bolívia. O domínio dos Guató estendia-se desde o norte da cidade de Corumbá, nas proximidades da Lagoa Mandioré e do Porto do Amolar, e subindo o Paraguai,

até acima da cidade de Cáceres. Habitavam ainda o afluente do Paraguai, Rio São Lourenço, hoje Rio Cuiabá; o afluente do São Lourenço, Rio Caracará e Lagoas Gaíba e Uberaba (PALÁCIO, 1984, p. 11).

Partindo do excerto acima, Adair Palácio corrobora que os Guató aglomeravam em “famílias biológicas” e não tinham os costumes ou hábitos de fixar-se num lugar específico, ou seja, sempre estavam em constante deslocamento pela região pantaneira, sobretudo, a navegar pelos rios locais (rio abaixo e rio acima). Nessa assertiva, os Guató desenvolviam casas consideradas frágeis (precárias), com a finalidade de perdurar até o período de cheia, “quando as abandonavam e mudavam-se para as partes mais elevadas das margens ou permaneciam em suas canoas. Eram nômades, embora nunca tenham deixado aquela região desde que foram documentados” (PALÁCIO, 1984, p. 11).

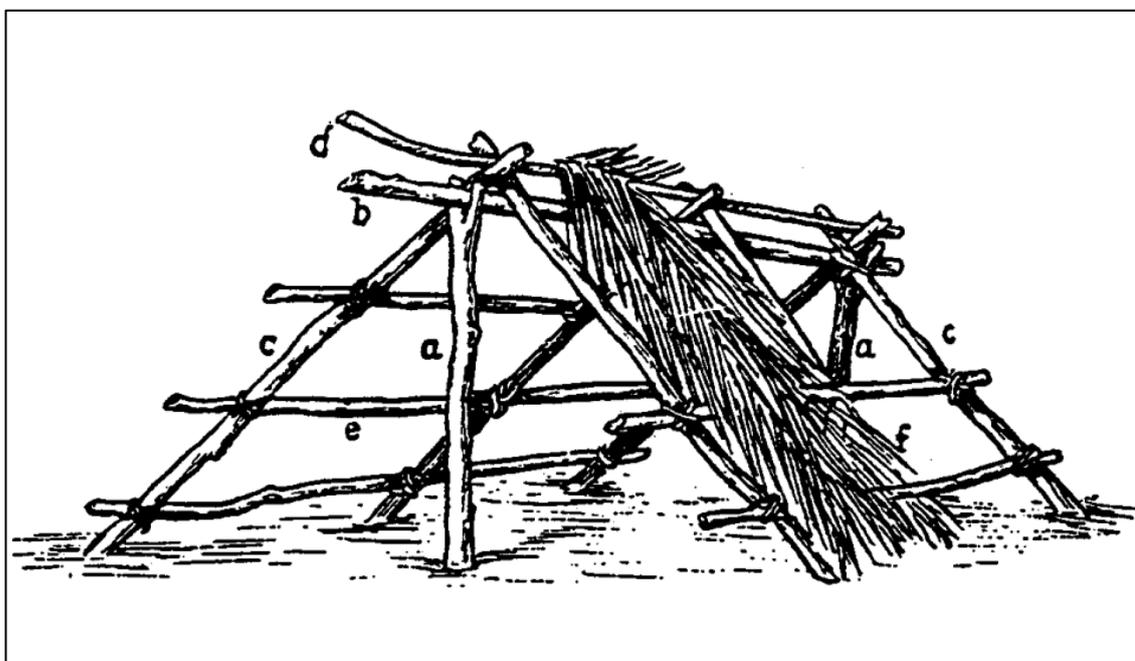


FIGURA 3. Esquema da casa tradicional Guató. Fonte: Schmidt, 1914 apud Eremites de Oliveira, 1995.

Em vista dos argumentos abordados, os Guató eram enxergados pela pesquisadora como excelentes canoieiros, a viver de caça, pesca e pequenas roças que eram constituídas a partir de aterros artificiais — documentados como *marrabóro* por Schmidt (2012), que são antrópicos, ou seja, resultado da ação humana, muito similar aos *sambaquis* (envoltos por quantidade significativa de moluscos aquáticos²). A cultura era dividida em três agrupamentos, sempre encabeçados por uma chefatura de característica patrilinear, que geralmente se reuniam em lugares secretos (a fim de tomar decisões sobre os aspectos socioculturais). Desse jeito, a

² Amplamente explorado por Jorge Eremites de Oliveira (1995, 2002).

linguista esclarece que “o hábito de passarem mais tempo em suas canoas do que em terra firme teria contribuído para uma pequena deformidade física, pernas arcadas, observada por Schmidt [1905]” (PALÁCIO, 1984, p. 11). Por conseguinte, a etnógrafa exemplifica que “nos registros de Castelnau e de Florence os Guató já usavam alguma vestimenta, ornamento discreto nas orelhas e nos lábios e armas constituídas por arco, flecha e zagaia [espécie de lança] (PALÁCIO, 1984, p. 12). Dessarte, a pensadora registra suas impressões sobre o comportamento Guató:

Os homens usavam barba e são descritos como fortes, corajosos e muito ciumentos. Polígamos, chegavam a ter até doze mulheres. As mulheres são mencionadas como bonitas e muito tímidas. Os adjetivos empregados para descrevê-los têm sempre uma conotação positiva. Aparentemente os Guató nunca foram uma tribo muito numerosa. Metraux (1942,1946) faz um sumário dos dados etnográficos encontrados na literatura sobre os Guató. A situação atual desses índios é de extrema pobreza (PALÁCIO, 1984, p. 12).

Pela observação dos aspectos elencados, a etnolinguista destaca que os Guató à época permaneciam espalhados (dispersos) pelas extremidades (margens, bordas) dos rios e terras firmes. Outra questão que a referida pensadora constatou, foi a vulnerabilidade dos Guató, onde, claramente, não possuíam terras demarcadas legalmente, assim sendo, precisavam contar com “benevolência” de alguns fazendeiros da região, mas muitos a serem descobertos eram violentamente expulsos. Alguns preferiam ir residir nas cidades mais próximas, a trabalhar, sobretudo, em serviços “marginalizados” ou “excluídos”, práticas ainda comuns, lamentavelmente, entre alguns indígenas atuais (principalmente os Guarani e Kaiowá de Dourados, Mato Grosso do Sul³).

³ Muitos indígenas dessas etnias estão a trabalhar em situação vexatória nas coletas de lixos. Por exemplo: a correr atrás de caminhão durante a noite, sem nenhuma proteção e cuidado. E por incrível que possa parecer, a própria sociedade elitista de Dourados (MS) se refere a eles de forma pejorativa: “trabalho de índio”, “coisa de índio”, “precisa trabalhar para ser tornar-se civilizado” etc.



FIGURA 2. Canoa tradicional Guató. **Fonte:** ISA, 2020 (Foto: Suki Ozaki, 2006).

Constatar-se-á que nessa época, a caça de animais silvestres já era proibida (Lei nº 5.197, de 3 de janeiro de 1967), assim sendo, no Pantanal a onça pintada e o jacaré estava quase em extinção, haja vista, a procura ininterrupta pela comercialização. Por consequência, a investigadora percebeu que, “sem reconhecimento, os Guató ficaram sem uma das atividades fundamentais de sua cultura, pois o jacaré era parte de sua dieta e a caça da onça, o teste de suficiência para um menino passar da puberdade a maturidade e poder casar” (PALÁCIO, 1984, p. 12). Ainda cabe ressaltar, que esses indígenas foram vítimas cruéis de inúmeros oportunistas, pois, eram exímios caçadores e foram utilizados como guias-caças pela região pantaneira, muitas das vezes via canoas, principalmente por dominar essa prática secular, se não milenar – mais um exemplo de como como os indígenas foram usados.

Levando-se em consideração tais preceitos históricos e embasando-se em dados da Fundação Nacional do Índio (FUNAI) de 1978, Palácio destaca que até então existiam apenas 220 Guató no Brasil, isso confirma a importância dos estudos da autora, que no presente momento é uma verdadeira relíquia histórico-linguística. A posteriori, a pensadora preceitua que em 1977 na cidade de Corumbá (Mato Grosso do Sul), teve a oportunidade de conhecer Josefina (55 anos, filha de um não-indígena com uma mulher Guató), que lhe apresentou sua família, onde conheceu Francolina (62 anos, meia irmã de Josefina por parte de mãe, também

filha de um não-indígena), Cipriano (25 anos, sobrinhos de Josefina e Francolina que mudara para o município por consequência da morte de seus pais que eram ambos indígenas Guató).



FIGURA 4. Capitão Fernandez (Chico), na companhia de sua família no Alto Paraguay, Terra Indígena Guató (MS). **Fonte:** Povos Indígenas no Brasil (Guató), 2020.

Tendo em vista os instrumentos apresentados, Palácio enfatizou que:

Quando subi o rio em 1977, visitei a família de Zulmira, mulher Guató de aproximadamente 45 anos, viúva de um índio Cabaçal, que morava em Porto Índio. Em julho de 1978, subi novamente o rio e conheci várias outras famílias. Na Lagoa Gaíba moravam Xolô com sua segunda esposa, Ana Maria, e a família. Xolô não era índio, mas tinha vivido entre os Guató e casara com duas mulheres Guató de quem teve filhos. Era um homem carismático que todos diziam ter mais de 100 anos. Ele sabia a história dos Guató daquela área e conhecia todos eles. Ana Maria era uma mulher de mais de 70 anos (PALÁCIO, 1984, p. 13).

Partindo do exposto, a linguista continua a corroborar que depois da segunda vista a Zulmira:

No Porto Roncador, viviam João Quirino com sua mulher Joana, Estelita, filha do primeiro casamento de João, o marido desta, Pedro, e três filhas deste casal: Vicência, Lucinda e Josefa, todos índios Guató que falavam a língua em sua rotina diária. João Quirino, que acredito ser o mais velho Guató vivo, devia ter então uns 80 anos e Joana, uns 75 anos. Estelita, uma mulher de aspecto muito saudável, era o centro da família. Ela estava na época com 45 anos e seu marido com mais ou menos 60. As meninas tinham 15, 12 e 9 anos (PALÁCIO, 1984, p. 14).

Depois de descer o rio, a pesquisadora continua a narrar suas aventuras épicas e fundamentais juntamente aos Guató:

Encontrei Armando, que vivia ali com a mulher, filho e sogros, todos índios Guató que só falavam a língua entre si. Armando, o filho mais velho de Estelita e Pedro, devia estar então com uns 23 anos e sua mulher, com uns 18. O filho do casal não tinha ainda um ano de idade e os sogros estavam ambos perto dos 60 anos. Eu tinha conhecido em Corumbá uma das filhas deste último casal, portanto cunhada de Armando. Ela tinha sido seduzida aos 17 anos e levada da beira do rio por um homem muito mais velho do que ela, de aproximadamente 50 anos, de quem estava grávida. Nesta ocasião eu soube que eles estavam vivendo ali perto, do outro lado do rio (PALÁCIO, 1984, p. 14).

Com base nisso, a autora continua a postular, que a posteriori visitou uma família no rio Caracará e outras duas às margens do rio Paraguai, no qual deparou com o ancião e chefe da família Sebastião Pedroso que tinha muitos filhos. É destacado que mais para baixo do rio residia Viviam David (cerca de 35 anos) com sua companheira Eufrásia (cerca de 30 anos) e Manoel, seu filho com 15 anos. Esta família utilizava diariamente a língua materna. Dessa forma, registrou sua impressão:

Nas margens do Rio São Lourenço morava Júlia Caetano, uma mulher de uns 60 anos, Guató e viúva de Guató. Vivia com seu filho mais novo, Félix, de 20 anos, e dois irmãos, José, que tinha uns 58 anos, e Veridiano, uns 55 anos. Eles estavam acabando de voltar aquele local depois da última cheia e estavam construindo uma casa. Essa família só falava Guató entre si. Veridiano, cujo nome na língua é *Jojoboga*, foi a pessoa que, junto com Celso, filho de Josefina, levou a Brasília em agosto de 1978 com objetivo de apresentá-los na FUNAI ao então Presidente Gal. Ismarth Araújo Oliveira (PALÁCIO, 1984, p. 15).

Depois da instigante etnografia narrada, Palácio destaca que continuava a receber notícias das famílias contatadas, sobretudo, via Celso, que segundo a autora era um interlocutor de grande valia, fundamental para a concretização da tese. Esse ator-personagem sempre a acompanhou nas pesquisas (subindo o rio, relatando a morte por sarampo de Estelita), inclusive, a direcionar todas as pessoas que buscavam ajudar os Guató na região, seus conhecimentos e cordialidades foram cruciais em todos os sentidos. O indígena também tinha um sonho de reaver o território do seu povo (cultura) no “coração” do Pantanal Mato-Grossense, mas que seu entusiasmo e esperança foi brutalmente interrompido em fevereiro de 1982, ao ser assassinado no Amolar.



FIGURA 5. Geografia da região da Serra do Amolar em Corumbá (MS). O Pantanal é uma savana estépica, maior planície alagada do Planeta Terra. **Fonte:** Correio de Corumbá, (Foto - Dilson Fonseca, 2015).

Em síntese, a autora encerra nesta parte específica sua abordagem da seguinte forma:

Quando cheguei a Corumbá em janeiro de 1984, soube que *Xoló* e Ana Maria também haviam morrido. Que Armando havia se separado da mulher e agora pescava pelo rio. Não havia notícias do resto da família dele. No Roncador, depois da morte de Estelita, Joana morreu e Pedro adoeceu e foi levado para Corumbá, onde se encontra em um asilo de velhos há mais de um ano. As três meninas foram levadas por uma família de caboclos que morava no Roncador, provavelmente para Cáceres. João Quirino ficou cego e, não podendo mais pescar, foi conduzido para Corumbá, onde encontrei-o na companhia de Josefina. Esta cuida hoje de três órfãos de Celso, além de João Quirino (PALÁCIO, 1984, p. 16).

Portanto, na sapiência da pesquisadora, das nove famílias que haviam visitado em 1978 (quatro a usar a língua nativa), se encontram desorganizadas e outros não deram mais notícias. Desse modo, isso confirma a multiplicidade da cultura Guató — sempre em transição, metamorfismo e renovação. Trazendo esta problemática para os tempos mais recentes, de acordo com a pesquisadora Adriana Viana Postigo (2011), “os Guató vivem na aldeia Uberaba, na Ilha Ínsua, no alto Pantanal, município de Corumbá - MS. Segundo o Instituto Socioambiental (ISA) a população que reside na aldeia é de, aproximadamente, 370 indivíduos” (POSTIGO, 2009, p. 99). Consequentemente, uma coisa se mostra iminente: algo urgente precisa ser feito para manter esta língua milenar viva.

3 A língua indígena Guató: resistência e risco absoluto de extinção

A pesquisadora inicia sua abordagem a enfatizar que, o primeiro a documentar a língua Guató foi Francis de Laporte de Castelnau (1851) em meados do século XIX. Refere-se, portanto, a uma enumeração de 164 palavras, fato que foi “reproduzido” por Martius (1867), copiado em parte por Moutinho (1869) e relançado por Schmidt em 1905 (1942a), esse por sua vez comparou com seus dados de 507 palavras e 39 orações (verbo ou locução), preocupando-se também com a estrutura da palavra e fonologia.

De acordo com a pesquisadora, além desses documentos existem outros substanciais, como aquelas 85 palavras registradas por Frederico Rondon (1938), 106 palavras gravadas e quatro narrativas emitidas por Max Schmidt (1942b), 201 palavras e reprodução fonética obtidas por Wilson em 1959 (detalhe, esse documento não foi publicado). Cabe frisar que Aryon Rodrigues (1970) estabeleceu a língua Guató como pertencente ao tronco Macro-Jê, sem vinculação com nenhuma outra língua próxima, portanto, faz parte de uma língua isolada. Mas cabe uma observação a respeito, a depender de novos dados histórico-linguísticos, certamente ganhará novo rumo.



FIGURA 6. Indígenas Guató na região do rio Caracará. **Fonte:** Max Schmidt, 1910 apud Jorge Eremites de Oliveira, 2002.

Neste trilhar histórico-linguístico, a investigadora evidenciará- que na ocasião, existiam aproximadamente 50 indígenas que utilizavam a língua Guató, mas desses, apenas 20 ou 30

falavam diariamente o idioma materno. Isso posto, “todos os Guató que conheci ou são bilíngues em Guató e português, ou são monolíngues em português”. (PALÁCIO, 1984, p. 17). Outrossim, o conjunto de indivíduo, que usam a língua materna no dia-a-dia, está circunscrito a 10 ou 15 famílias, que geralmente residem distante uma da outra, encontrando-se raramente — quando se deparam uns com outros, ficam bastante animados, sobretudo, a narrar fatos históricos e diálogos sobre o presente momento. Portanto, percebe-se que a cultura Guató é muito diferente das demais, possui uma peculiaridade ameríndia única, uma mesma língua, uma mesma organização social, enfim, um *modus vivendi* e uma identidade que marcam o *ethos* canoeiro desse povo (EREMITES DE OLIVEIRA, 2002, p. 436).

Dados os fatos, a autora finaliza seu raciocínio nesta parte a dizer que, “a língua Guató pode ser considerada uma língua obsolescente. As condições a que estão submetidos seus falantes favorecem esta situação. Mas é ainda um fator de identidade étnica do grupo e elo de ligação entre eles” (PALÁCIO, 1984, p. 17). De acordo com os dados “Povos Indígenas no Brasil” (2020) destinado a cultura Guató, existem apenas cinco pessoas que falam diariamente a língua nativa em Corumbá (MS) e São Lourenço (Cuiabá), com seríssimo risco de extinção definitivo.

4 Aventuras científicas no coração do Pantanal: rios, bosques e memórias

Adair Pimentel Palácio inicia a dizer que sua etnografia se baseou nos trabalhos de Samarin (1967) e Gudschinsky (1967). A autora realizou quatro viagens a cidade de Corumbá no Mato Grosso do Sul entre os anos 1977, 1978, 1979 e 1984. Os dados foram coletados a partir de duas idas rio acima (1977 e 1978), também em Campinas (SP), durante a presença de Josefina (por volta de três meses em 1979, quando deslocou-se para fazer exames médicos e trabalhar com a equipe). Com base nesses aspectos essenciais, Palácio sintetiza que:

O total desse contato direto com falantes de Guató foi de oito meses. Entretanto, não tivemos a oportunidade de convívio diário com um grupo de falantes da língua, pois no momento não há concentração desses índios em nenhuma parte. Também a permanência com uma família não foi possível. Há carência de tudo nas margens do rio, inclusive de transportes; e a insegurança dos locais onde vivem, dependentes da benevolência de um ou outro fazendeiro, faria com que nossa presença aumentasse os problemas diários que já enfrentam (PALÁCIO, 1984, p. 18).

Realizada essa observação, a linguista destaca que teve contato individual e direto com os falantes da língua Guató, onde as informações foram obtidas. Corrobora ainda que a apuração

de “informantes” (interlocutores, protagonistas) foi muito mais uma obrigação do que escolha propriamente dita. Disse que teve a sorte de contar com a ajuda ininterrupta de Josefina, que apesar de não falar fluentemente a língua, domina em boa parte. Além disso, contou também com colaboração de Francolina, Estelita, João Quirino e Cipriano. Contou também com as fontes esporádicas em que, “outras pessoas contribuíram em menor grau para o acervo de que dispomos: Zulmira, Joana, Josefa, Lucinda, Júlia, José e Veridiano” (PALÁCIO, 1984, p. 19).



FIGURA 7. Crianças Guató a celebrar o Dia do Índio em Corumbá (MS), Terra Indígena Guató. **Fonte:** Jorge Eremites de Oliveira, 2017.

Nessa perspectiva histórica, a pesquisadora esmiúça que para coletar as informações seguiu, a priori, o esquema proposto pelo Departamento de Linguística do Museu Nacional (1965), que “este Questionário foi sendo ampliado para focalizar aspectos gramaticais que a língua pudesse ter a partir de hipóteses que iam sendo levantadas no decorrer do trabalho” (PALÁCIO, 1984, p. 19). Outras ferramentas importantes partiram de recomendações de seu orientador, Pike (1948) — formular enunciados para compreender os tons, Nida (1949) — interpretações de morfemas, Greenberg (1966) — universalidades linguísticas, Lehmann (1978) — evidências tipológicas e Comrie (1978, 1981) — língua ergativa-absolutiva (sintática).

Com base no questionário proposto, Palácio propôs aos seus protagonistas e interlocutores uma tradução (equivalência) de determinada palavra de português para o Guató, onde “a resposta era simultaneamente gravada e transcrita de oitiva. Em muitas ocasiões criamos situações para nossas questões” (PALÁCIO, 1984, p. 20). A pensadora também destaca que nas ocasiões em que seus personagens de campos buscavam falar de outros assuntos ou temas, sempre os incentivava a prosseguirem, pois, possibilitou um entendimento híbrido. Ainda nesta lógica, a pesquisadora informa que:

Além dos enunciados preparados, um total de 3.000, para o controle da parte gramatical, documentamos dois textos míticos, vários diálogos, conversas informais e algumas narrativas de fatos corriqueiros. Entre as narrativas selecionamos texto para fins de ilustração. Das revisões feitas do material gravado, com o que foi transcrito de oitiva, foi montado um dicionário Guató-português, e outro Português-guató, de onde isolamos cerca de 1.000 morfemas lexicais. (PALÁCIO, 1984, p. 20-21).

Partindo do excerto acima, torna-se evidente que para a compreensão dos dados, a autora elenca que trilhou um caminho metodológico existente na literatura da época e recomendações teóricas, para analisar linguagens ágrafas, sobretudo, aquelas sem devidos estudos prévios, assim sendo, teve preferência de seguir a linha estruturalista-distribucional. Nessa acepção antropológica e etnográfica, Adair Palácio destaca a importância de realizar-se um trabalho de campo prolongado, onde as experiências vão se acumulando, principalmente, para obter um resultado satisfatório. Além disso, a pesquisadora constatou que na oportunidade, não havia nenhum Guató falando espanhol e nem outra língua indígena.

À guisa da (in)conclusão: os Guató como protagonistas de suas histórias

Este artigo teve, como finalidade principal, fornecer apontamentos acerca de dados históricos, antropológicos e principalmente linguísticos obtidos pela pesquisadora Adair Pimentel Palácio (1984). Nesse preâmbulo, cabe evidenciar que Castelnau (1851) foi o primeiro a registrar oficialmente a língua Guató. Já Schmidt (1905) foi o primeiro a pesquisar cientificamente a língua nativa, seus resultados foram publicados na Alemanha.

No Brasil, o pioneirismo foi justamente de Adair Pimentel Palácio, através da sua tese de doutorado mencionada anteriormente, cuja titulação é “Guató, a língua dos índios canoeiros do rio Paraguai”, elaborada juntamente ao Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp em 1984. Em sua monografia inovadora, a pesquisadora elencou três elementos fundamentais (1)

morfologia, (2) gramática morfológica e (3) sintaxe gramatical. É de importância fundamental salientar que a nossa autora foi muito além do seu tempo, pois, sabemos que ainda vivemos, lamentavelmente, em pleno século XXI, em uma sociedade machista, misógina e preconceituosa — agora imagina isso na década de 1970 e 1980, portanto, realmente Adair Palácio desafiou todas intempéries de sua época.

Em suas aventuras etnográficas, a linguista reconheceu 30 fonemas segmentais, nos quais 17 são consoantes e 13 vogais e 2 fonemas. Além da tese propriamente dita, a autora publicou outros importantes trabalhos como: “Aspects of the morphology of Guató” (1986), “Guató: uma língua redescoberta” (1987), “Sistema numeral em Guató” (1996), “Situação dos índios Guató em 1984” (1998) e “Alguns aspectos da língua Guató” (2004). Certamente, a pesquisa de Palácio foi um marco na história linguística da cultura indígena como um todo, pois, levantou questões primordiais.

O trabalho mais importante depois da pesquisa de Palácio foi a dissertação de mestrado de Adriana Viana Postigo, cujo título é “Fonologia da Língua Guató” (2009) que por sua vez, apresentou uma descrição fonológica da língua indígena. Postigo procurou realizar uma interpretação dos seguimentos linguísticos, estruturas silábicas e morfofonológicas (sintagmas verbais e nominais, epêntese, elisões e nasalidade). A autora também chamou atenção para as línguas ameríndias em risco de desaparecimento e falta de interesse pela sociedade em geral. O principal aporte teórico e inspiração de Adriana certamente foi Adair Pimentel Palácio, onde procurou reanalisar os vastos materiais levantados pela pioneira.

Além de Adriana cabe a abordagem do linguista Andrébio Márcio Silva Martins (um dos principais pesquisadores da atualidade contemporânea a envolver língua indígena), com base em seu artigo “O morfema ϵ do Guató: De uma possível marca de ergatividade à marca de concordância” (2013), onde em diálogo com Adair Pimentel Palácio (1984) concluiu que a língua passou por rearranjo importante ao longo da história e se relacionou com outras línguas indígenas: *Timbíra*, *Maxakalí*, *Mebengokré*, *Panará* e *Xavánte*.

Nessa tessitura histórico-contemporânea, realçar-se-á que o principal pesquisador da cultura Guató na atualidade é o pesquisador e docente da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) Jorge Eremites de Oliveira, que trabalha na interface entre Arqueologia, Etno-História e Etnologia na região do Pantanal de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. O pesquisador realiza pesquisa juntamente aos Guató desde a década de 1990, apesar de não ser da Linguística, empreendeu certamente a investigação mais importante dessa etnia em sua história. Seus

principais estudos foram: “Os Argonautas Guató: aportes para o conhecimento dos assentamentos e da subsistência dos grupos que se estabeleceram nas áreas inundáveis do Pantanal Matogrossense” (dissertação de mestrado, 1995) e “Da pré-história à história indígena: (re) pensando a arqueologia e os povos canoieiros do Pantanal” (tese de doutorado, 2002), ambos defendidos junto à Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS).

Por fim, cabe elencar que o acervo linguístico de Adair Pimentel Palácio foi fruto do seu tempo, referência obrigatória para quem pensa em enveredar por essa cultura fascinante e estamos conscientes que todas as línguas são dinâmicas, assim sendo, a passar por transformações e ressignificações no curso da história. Portanto, espera-se que o nosso objetivo inicial seja minimamente alcançado e que possibilite nova abordagem desta natureza.

Referências Bibliográficas

BRASIL. **Lei nº 5.197**, de 3 de janeiro de 1967.

CASTELNAU, Francis de. **Expédition dans les parties centrales de l'Amérique du Sud, de Rio de Janeiro à Lima, et de Lima au Para**. Histoire du Voyage. 6 vol. Paris, 1851.

CABEZA DE VACA, Alvar Nuñez. **Naufragios y Comentarios**. 1555. Disponível em: <<http://www.memoriachilena.cl/602/w3-article-10028.html>>. Acesso em 19 jun. 2020.

COMRIE, Bernard. “Ergativity”. Em Lehmann 1978 [8]: 329-394, 1978.

COMRIE, Bernard. **Language Universals and Linguistic Typology: Syntax and Morphology**. Chicago: The University of Chicago Press, 1981.

CORREIO DE CORUMBÁ. **Serra do Amolar (Geral)**.

Disponível em: <<http://www.correiodecorumba.com.br/?s=noticia&id=19415>>. Acesso em 22 jun. 2020.

EREMITES DE OLIVEIRA, J. Os argonautas Guató: aportes para o conhecimento dos assentamentos e da subsistência dos grupos que se estabeleceram nas áreas inundáveis do Pantanal Matogrossense. **Dissertação de Mestrado**. Porto Alegre, PUCRS, 1995.

EREMITES DE OLIVEIRA, J. Da pré-história à história indígena: (re) pensando a Arqueologia e os povos canoieiros do Pantanal. **Tese de Doutorado em História/Arqueologia** – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

EREMITES DE OLIVEIRA, J. **Guató - Crianças cantam no Dia do Índio**. Youtube, 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=R2LHcO-bLjc>>. Acesso em 22 jun. 2020.

FLORENCE, Hercules. “Esboço da viagem feita pelo Sr. de Langsdorff no interior do Brasil, desde setembro de 1825 até março de 1829”. **Revista Trimestral do Instituto Histórico, Geográfico e Ethnográfico do Brasil**, vol. 38: 337-469 e 231-301; vol. 39 [1875] (1876): 157- 182.

GREENBERG, Joseph H. (ed). **Universals of Language**. 29 ed. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1966.

GUDSCHINSKY, Sarah C. **Bow to Learn an Unwritten Language**. N. York: Holt, Rinehart and Winston, 1967.

ISA (Instituto Socioambiental). **Povos Indígenas no Brasil- Guató**. Disponível em: <<https://pi.b.socioambiental.org/pt/Povo:Guat%C3%B3>>. Acesso em 19 jun. 2020.

LEHMANN, Winfred P. (ed). **Syntactic Typology: Studies in the phenomenology of language**. Austin: University of Texas Press, 1978.

MARTINS, Andrébio Márcio Silva. O morfema ϵ do Guató: De uma possível marca de ergatividade à marca de concordância. **Revista Brasileira de Linguística Antropológica**, v. 5, p. 435-451, 2013.

MARTIUS, Carl Friedrich Phil Von. **Beitrag zur Ethnographie und Sprachenkunde Amerikas zumat Brasiliens**. vol. 2. Leipzig: Friedrich Fleisher, 1867.

MOUTINHO, Joaquim Ferreira. **Notícia sobre a Província de Mato Grosso**. São Paulo: Typographia Henrique Schroeder, 1869.

NIDA, Eugene. Morphology: **The descriptive analysis of words**. 29 ed. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1949.

PALÁCIO, Adair Pimentel. Guató, a língua dos índios canoeiros do rio Paraguai. **Tese (Doutorado em Linguística)** – Universidade Estadual de Campinas, 1984.

PALÁCIO, Adair Pimentel. Aspects of the morphology of Guató. In: B.F. Elson (ed.). **Language in global perspective**. Dallas: SIL, 1986 (p.363-372).

PALÁCIO, Adair Pimentel. Guató: uma língua redescoberta. **Ciência Hoje** 5/29, 1987 (p.74-75).

PALÁCIO, Adair Pimentel. Sistema numeral em Guató. **Boletim da ABRALIN** 19, 1996 (p.51-56).

PALÁCIO, Adair Pimentel. Alguns aspectos da língua Guató. **LIAMES** 4, Campinas-SP: UNICAMP, IEL, 2004.

PIKE, Kenneth L. **Tone Languages**. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1948.

POSTIGO, Adriana V. Fonologia da língua guató. **Dissertação de Mestrado**. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2009.

POSTIGO, Adriana V. Alguns apontamentos bibliográficos sobre a língua guató (Macro-Jê). **Liames** (UNICAMP), v. 9, p. 99-106, 2009.

RODRIGUES, Aryon D. “Linguas Ameríndias”. Em **Grande Enciclopédia Delta Larouse**. Rio de Janeiro: Editora Delta, 1970.

RODRIGUES, A. D. Sobre as línguas indígenas e sua pesquisa no Brasil. **Ciência e Cultura**, 57, 2, p. 35-38, 2005.

RONDON, Frederico. **Na Rondônia ocidental**. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1938.

SAMARIN, William J. **Field Linguistics: a guide to linguistic field work**. N. York: Holt, Rinehart and Winston, 1967.

SCHMIDT, Max. **Indianerstudien in Zentralbrasilien**. Erlebnisse und ethnologische Ergebnisse einer Reise in den Jahren 1900-1901. Berlin, 1905.

SCHMIDT, Max. “**Reisen in Matto Grosso im Jahre 1910**”. Zeitschrift für Ethnologie. Berlin. Vol. 44: 130-174, 2012.

SCHMIDT, Max. “**Die Guató und ihr Gebiet: Ethnologische und archäologische Ergebnisse der Expedition zum Caracara - Fluss im Matto-Grosso**”. Baessler Archiv. Berlin. 4: 251-283, 1914.

SCHMIDT, Max. “**Die Anfänge der Boden - Kultur in Südamerika**”. Zeitschrift für Ethnologie. Berlin. 54: 113-122, 1922.

SCHMIDT, Max. “**Ergebnisse meiner zweijährigen Forschungsreise in Matto-Grosso**”. Zeitschrift für Ethnologie. Berlin. 60: 85-124, 1929.

SCHMIDT, Max. **Estudos de Etnologia Brasileira**. Tradução: Catarina Baratz Cannabrava. Brasiliana, Gr. Formato, v. 2. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1942[a].

SCHMIDT, Max. “Resultados de mi tercera expedición a los Guatós efectuada en el año de 1928”. **Revista de la Sociedad Científica del Paraguay**. Asunción. Vol. 5. 6: 41-75, 1942[b].

SCHMIDT, Max. “Comments on Cultivated Plants and Agricultural methods of South American Indians”. In: Patricia J. Lyon (ed). **Native South Americans**. Boston, Toronto: Little, Brown and Company, 1974.

SETOR LINGUISTICO DO MUSEU NACIONAL. **Publicações Avulsas**. 49: 32-36, 1965.